

QUEM EZRA POUND

Pedro Henrique Saraiva Leão

Médico. Escritor. Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de Medicina e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES), tendo sido seu presidente nacional.

'Poema, Laura, às vezes nem precisa ter versos'

Jader de Carvalho

O HOMEM

Ezra (Weston Loomis) Pound nasceu em 30/XI/1885, em Haley, Idaho, Meio Oeste americano. De origem "pioneira": seu avô paterno, pai de Homer (!)¹ Pound, nascera em uma cabana de madeira, como Abraham Lincoln. Aos 22 anos foi distinguido com uma bolsa de estudos em linguas românicas, e, na Europa, por um ano, pesquisou os poetas provençais e as peças de Lope de Vega.

Retornou aos EUA, onde exerceu brevemente e enfasiado um cargo acadêmico. A Europa era a sua obsessão, e lá voltou, em Setembro de 1908, inicialmente para Londres, via Veneza ², a seguir Paris, e ao fim, novamente a Itália.

Cinco anos depois partiu para a Inglaterra, onde ficaria até 1920. Sempre ambicioso, dizia que aos 30 anos saberia tudo acerca de poesia, superando qualquer pessoa!

Em carta ao médico e poeta William Carlos Williams (tido por alguns como o "santo patrono dos poetas americanos"), E.P. referiu-se a si próprio como "der grosse Ich": "o grande eu", em Alemão!

1 Seria isso já prenúncio de sua futura veneração pelo famoso grego?

2 Conduzindo então apenas 80 dolares (!), dos quais pagou 8 para imprimir seu primeiro livro de poemas "A Lume Spento" ("With Tapers Quenched"), "Com Velas Apagadas", numa tiragem de 100 exemplares!

Em Londres foi o inspirador e principal promotor do Imagismo, movimento literário que enfatizava o tratamento direto do objeto poético, sem retórica desnecessária; a frase livre e não a métrica forçada, e a clareza exponencial de imagem e metáfora. A primeira antologia dessa nova tendência poemática foi editada ali por E.P., em 1914: "Des Imagistes". Sempre inquieto e inovador, igualmente criou o Vorticismo, um dos ramos do Futurismo italiano, tendo editado a revista "Blast", por apenas 2 números! Simultaneamente era editor da revista "Poetry" (Chicago, 1912) e londrino da "The Little Review" (1914-1929), esta a primeira a publicar, em capítulos, o discutido romance "Ulysses", do seu amigo James Joyce.

Nesse período londrino publicou "Exultations"(1909), "Personae"³ e "Provença"(1910), "Canzone"(1911), "Ripostes", e "Lustra"(1912). É dessa época o seu profundo interesse pela literatura oriental, disso resultando o livro "Cathay"(1915), estas adaptações suas, ou translações das traduções do grande poeta chinês Li Po, feitas pelo filólogo e sinólogo americano Ernest Francisco Fenollosa (1853-1908)⁴.

Merece agora comentado que "mutatis (não muito) "mutandis", o poeta cearense Virgílio Maia, em seu livro mais recente "Recordel" (Ateliê Editorial, S.P./Fortaleza, Edições Poetaria, 2004), romanceou textos significativos de autores famosos, entre eles Jorge Luis Borges. De certa forma, assim cordelizando, usou "personae", máscaras, impersonando-os, personificando-os!

Ezra Pound considerou as observações de Fenollosa, sobre o *ideograma*, em "The Chinese Written Character as a Medium for Poetry", - obra por ele prefaciada, anotada e editada em 1936 - "a primeira asserção definitiva da aplicabilidade de um método científico à crítica literária". Em verdade suas "recriações" de poetas

3 Do Latim: "máscaras", aqui usadas por E.P. para adotar, modificando-a, a escritura de outros autores ("personae" = "per sona", i.e., sons através del). Nessas "personae", o poeta mascarado, embora superiormente iconoclasta e inventor, reincarna os antigos heróis da tradição romântica.

4 Este Francisco, embora nascido em Salem, Massachusetts, EUA, era filho de um músico espanhol, de Málaga. (In "Ideograma" - Lógica/Poesia/Linguagem. Haroldo de Campos, org. Edusp, 1944). Neste livro, às páginas 110-148, está a tradução para o português do famoso artigo de Fenollosa, mencionado a seguir.

chineses seguiram o lema de Confúcio do “Make it New” (“renovar”), como lê-se no Canto LIII⁵. Era o poundiano dote revivalista do ideograma!

Curiosamente os Cantos LXXII e LXXIII, escritos em Italiano, e denominados “Prezença” e “Corrispondenza Republicana”, não foram incluídos em edições em Português! Situam-se entre os Cantos John Adams e os Cantos Pisanos. Deverão ser publicados no Ceará no nº 11 da revista “Literapia”, versados, pela primeira vez em língua portuguesa, pelos poetas Luciano Maia e Geraldo Bezerra, ambos neo-latinistas!

Como sabem alguns, o *ideograma* é a escrita tradicional da China e do Japão, na qual o leitor vê e lê no espaço gráfico frases com palavras não explicitadas, mas fortemente alusivas (ver “*Ideograma*”, op. cit.). É a escrita pictórica, dessarte rompendo a canônica linearidade. É o desenho como representação gráfica da idéia. Baseia-se na figura da “parataxe”, i. e., o ajuntamento de palavras, frases ou orações sem elementos de ligação, *v.g.*, “*Veni, vidi, vici*” (In Harry Shaw” (“*Dicionário de Termos Literários*”. Trad. Cardigos dos Reis. Ed. Dom Quixote. Lisboa, 1978).

Também por admiração pelo Oriente, E.P. estudou (durante sua lua de mel!) e publicou (1916) um ensaio sobre o “Nô”, o teatro clássico Japonês.

Em 1917 apareceu sua primeira grande obra poética: “Homenagem a Sextus Propertius”, poeta romano (49-15 a.C.).

Gradativamente mais estressado com o que considerava os fracassos inerentes às democracias ocidentais, decide mudar-se para a França, em 1920. Despediu-se de Londres (das concepções retóricas e morais da era vitoriana) com o livro “Hugh Selwyn Mauberley” no qual definiu sua missão na vida: “ To resuscitate the dead art/ of poesy;/

5 E.P. em Português: “Cantares”, seleção de Augusto e Haroldo de Campos, e Décio Pignatari. Edições MEC, 1960; “Antologia Poética de Ezra Pound”. Augusto de Campos, José Lino, Grunewald, e Mário Faustino. Ed. Ulisséa, Lisboa, 1968; “Ezra Pound Poesia”; mesmos tradutores. Ed. Hucitec, Brasília, 1983. A Nova Fronteira, em 1986 publicou a tradução de “Os Cantos”, por J.L. Grunewald. Mário Faustino, poeta piauiense, foi o primeiro a revelar E.P. no Brasil, no J.B., em coluna semanal (Poesia-Experiência, de 1956-1959, aos domingos. Após ter redigido estas notas, adquirimos o livro “Mário Faustino. Artesenatos de Poesia. Fontes e Correntes da Poesia Ocidental). Eugênia Boaventura. Ed. Companhia das Letras, S.Paulo, 2004.

to maintain "the sublime"/ In the old sense".

"Mauberley", um conjunto de 18 poemas é um dos pontos altos da sua poesia, por ele considerado "... um adeus ao passado, e uma promessa de futuro".

Quatro anos depois, eterno expatriado, bandeou-se de novo para Rapallo, Riviera italiana. Para dedicar-se aos seus *Cantos*, ou "*Cantares*" (como preferia chama-los). Essa foi sua obra máxima, seminal, épica, ecumênica, iniciada em 1913 (ou '15?), primeiramente publicados em 1925, e acrescentados até sua morte (1972) quando, inacabados, restaram num total de 117 (1969).

Parenteticamente, ocorre nos mencionar Carlos Drummond de Andrade ao considerar "*Os Cantos*" uma escrita cosmogônica, como tal também adjetivava a trilogia "*Os Peãs*" do nosso conterrâneo Gerardo Melo Mourão (Ed. Record, Rio de Janeiro s/data).

Na década de '30 (e até 1941), tendo sido apresentado a Mussolini, aderiu ao fascismo, a Hitler, e ao anti-semitismo. Durante a II Guerra Mundial publicou livros de economia e engajou-se politicamente⁶. Datam desse período suas mais de 300 transmissões pela "American Hour", da Radio Roma, quando pregava o fascismo. Tentou voltar à América do Norte em 1942, mas foi impedido pelo presidente F. D. Roosevelt que lhe guardava odioso rancor⁷.

O aludido "poundódio" (!) culminou com seu indiciamento por traição, pelo Procurador Geral dos EUA, em 1943. Dois anos após (Abril - Maio'45) foi preso pela resistência italiana, entregue às forças norte-americanas, e levado para um campo de concentração em Pisa. Tal prisão fora construída para os então 3.600 prisioneiros de guerra mais perigosos. Para ele foi feita uma jaula especial ("gorilla cage"), reforçada com aço medindo 3x2m, e pouco mais de 2m de altura!

Dali, após tanto padecer e quase sucumbir, foi transferido para instalações hospitalares, onde começou a escrever seus "*Cantos Pisanos*", de números 74-84. No início do 74^o lê-se⁸: "The enormous tragedy of the dream in the peasant's bent shoulders", ou, na tradução de J.L. Grunewald (*op. cit*): "A enorme tragédia do sonho nos ombros curva-

6 Neste sentido ver seu livro "Patria Mia". Hiena Editora, Lisboa, 1989.

7 No canto 87, E.P. escreveu: "The total dirt that was Roosevelt" (In "Section: Rock-Drill 85-95 de los cantares". Ed. Faber and Faber, London, 1955).

8 In "The Cantos of Ezra Pound". Ed. faber and faber. London, 1986 (818 páginas).

dos do campônio”. Nesta linha, “seu sonho” era aquela justiça social que ele acreditava compartilhar com Il Duce, Mussolini⁹.

Em Novembro desse ano escoltaram-no de regresso aos EUA, onde, em Washington, foi encarcerado por traição e, considerado louco, como tal internado no Hospital Sta. Elisabeth, daquela cidade, aos 60 anos, para lá permanecer por mais 12!

Aproposita-se-nos, agora, referendar o que foi escrito pelo antes citado cearense Gerardo Melo Mourão (considerado pela crítica autorizada “o maior poeta vivo das Américas”!), que o conheceu pessoalmente em Rapallo, dele recebendo depois carta elogiosíssima à sua poesia: “O suplício do internamento de escritores em sanatórios para loucos (haja vista Soljenitsin)(...), tem um precedente abominável: o de Ezra Pound pelos Estados Unidos da América do Norte”(*).

Ao longo desses 12 anos, quando esteve internado (pasmem!) como débil mental, cresciam o interesse da crítica por sua poesia e a onda de protestos contra tão indevida detenção. Em 1958 E.P. foi indultado pelo governo norte-americano, mesmo sem ter sido julgado, e logo a seguir libertado.

Tornou à Itália, e de lá viajou a Londres para os funerais de T.S.Eliot, à Irlanda, em visita à viuva de W.B.Yeats – estes dois dos seus “protegés” e grandes discípulos. Esteve mais uma vez na Grécia, em Paris, em Nova York, e foi até Zurich, para visitar o túmulo de James Joyce, autor por ele inicialmente descoberto.

Como se constata, todos os amigos, a quem altruísticamente tanto incentivara, inclusive financeiramente, haviam falecido.

Ezra Pound sentia-se, já, como escrevera nos *Cantos Pisanos* (LXXIV): “a man on whom the sun has gone down” (“Um homem sobre o qual o sol baixou” *apud* J.L. Grünewald, *op. cit.*).

No Canto LXXXI, da Seção “Perfuratriz de Rochas” (“Rock-Drill”) disse:

“O que tu amas permanece, o resto é lixo
o que tu amas não te será roubado
o que tu amas é tua verdadeira herança”¹⁰.

9 In “The Poetic Achievement of Ezra Pound”. Michael Alexander. Ed. Faber and Faber, London & Boston 1979.

10 Tradução de Denise Bottmann do livro “ao longo do riocorrente. Ensaio Literário e Biográficos”, de Richard Ellmann. Ed. Companhia das letras, S.Paulo, 1991.

Assaz interessante é notar que o vocábulo “pound”, em Inglês, além de significar “libra” (equivalente a 451,59g), também, coloquialmente é sinônimo de “murro, golpe seco” (o que E.P. desferiu na Poética até ele, e na política americana de então). Também sugere “retiro, isolamento”, i.e., do que ele sofria e seus patrícios lhe inflingiram bem antes do seu fim! (In A. Houaiss: “Dicionário Inglês-Português”. Ed. Record, R.Janeiro, 1982).

O poeta feneceu em Veneza, no Dia de Todos os Santos (!), 1^a de Novembro, de 1972, aos 87 anos e está ali sepultado no cemitério de São Miguel, na Ilha de San Giorgio, em frente à Piazza San Marco. A notícia foi amplamente veiculada pela imprensa internacional (vide revista *TIME*, 12/XI/72) e, entre nós estampada, com fotos, no primeiro Caderno, e no Caderno B do *Jornal do Brasil*, de sábado, 04/XI/72.

A OBRA: O POETA

Desde seu primeiro livro “*A Lume Spento*” (Veneza, 1908), E.P. publicou, até 1975, 33 outros de poesia, 19 volumes de prosa, e participou de 4 antologias. As sua obras completas foram cuidadosamente arroladas no livro “*Ezra Pound*”, de Peter Ackroyd. Jorge Zahr, Ed. Rio de Janeiro 1991.

Notabilizou-se pelos seus 117 “*Cantos*”, dos quais os dezessete últimos surgiram em 1969, e representam sua *ópera* solar. Como vimos atrás, ocupam, pois amazonicamente longos, quase todos, mais de 800 páginas, nas edições não comentadas!

Aos interessados alinhamos, ecoando os críticos citados, os seguinte *Cantos*: 1/13/14/15/36/45 (com “*usura*”) /53/81/83/116/120 ¹¹.

Para o famoso poeta/crítico literário mexicano Octavio Paz, a reforma poética perpetrada por E.P. foi uma re-latinização da poesia em língua inglesa, e “Os Cantos” constituem “o último grande poema romântico da língua inglesa e talvez do Ocidente” ¹².

11 Sugerimos cotejar a tradução do Canto XIV por Grünevald, com aquela oferecida pelos portugueses Luisa M.L.Q. Campos e Daniel Pearlman, In “Do Caos à Ordem”. Ed. Assírio e alvim, Lisboa 1993!

12 “Signos em Rotação”. Ed. Perspectival, São Paulo, 1972.

O PROFESSOR/CRÍTICO DE POESIA

*'If we never write anything save what is already understood, the field of understanding will never be extended. One demands the right, now and again, to write for a few people with special interests and whose curiosity reaches into greater detail'*¹³

Em seu tratado (grifo nosso) *"ABC of Reading"*, de 1934, e republicado (também em Londres) em 1951 (no Brasil: *ABC da Literatura*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1982), Ezra Pound expõe, didaticamente, sua teoria estética. Seus pendores de pedagogo e crítico literário, foram novamente demonstrados e ampliados em 1954. In *"Literary Essays of Ezra Pound"*. Ed. Faber & Faber, editado com alentada introdução, por T.S. Eliot. Este, um dos seus mais notórios beneficiários, afirma ser tal livro de "leitura obrigatória para todos os interessados em literatura, e também leitura compulsória nas universidades.

Nestes ensaios literários, E.P. discorre sobre alguns poetas tradicionais à sua época – como o provençal Arnaut Daniel, e o italiano Guido Cavalcanti, ambos por ele traduzidos, preservando o significante translingüístico – assim como de contemporâneos seus, entre estes o já mencionado americano Eliot, e o dublinense James Joyce.

Sobresaindo, sobremaneira como crítico pragmático, E.P. revelou aos incipientes, novos e futuros vates, aquelas receitas basilares de poesia, muita vez ignoradas, ou escamoteadas pela bolorenta rotina, pela mesmice tão do gosto do ensino acadêmico, canônico, da Literatura.

Esse "ABC", vera bíblia, cartilha de poesia, é subentitulado pelo autor como *"gradus ad Parnasum"*, e dedicado "àqueles que gostariam de aprender (...) e não aos que chegaram ao completo conhecimento do assunto sem conhecer os fatos"!

Das suas "dicas", conselhos para "those beginning to write verses", ressaltamos as seguintes:

I - Abordar diretamente o tema do poema, sem subterfúgios ou vãs divagações;

13 "Se nunca escrevemos nada exceto o que já está compreendido, o campo da compreensão nunca será estendido. Exige-se o direito, agora e outra vez de escrever para alguns com interesses especiais, e cuja curiosidade alcança maiores detalhes". (In Canto 96, do livro "Thrones Cantos 96-109 of Ezra Pound". Ed. Faber and Faber, London, 1960.

II - Em relação ao ritmo, compor, i.e., escrever na seqüência da frase musical, não naquela do metrônomo;

III - Ser econômico nas palavras; condensar!¹⁴

IV - Não usar palavra supérflua e evitar adjetivo (grifo nosso), que nada revela;

V - Não dizer em versos meiocres o que já foi dito em boa prosa;

VI - Não ser descritivo (grifo nosso). Lembrar que um pintor pode descrever uma paisagem melhor do que você;

VII - Observar o método dos cientistas, e não dos propagandistas divulgando uma nova marca de sabão. O cientista começa aprendendo o que já foi descoberto, para então progredir!

Lapidar, na estética poundiana, é o conceito de grande literatura ser simplesmente linguagem carregada com o máximo de significação.

Por igual, nesse volume, autêntico *vade mecum*, E.P. professou seus três “tipos de poesia”; **Melopéia**, quando a linguagem está alimentada de sons ou algumas propriedades musicais, como bem ilustrado no estro dos bardos gregos, máxime em Homero; **Fanopéia**: a carga projeta imagens visuais na mente do leitor. Esta característica epicentrou os ideogramas chineses, e a **Logopéia**: linguagem abastecida pelas palavras, de permeio dançando o intelecto. (Pessoalmente, cuidamos indispensável, sempre que possível a presença simultânea dos três, qual fossem órgãos vitais interdependentes, vasos comunicantes).

Estas pois resumem a essência, o sumo das suas reflexões, ou, diríamos, neologicamente, suas “pounderações!”.

O MECENAS

Ezra Pound, em mais de L anos votados à Literatura, malgrado cheio de sí, nunca se via no espelho sozinho! Sempre patrocinou aqueles que lhe mereciam futuro literário, e nessa galeria avultam: T(homas) S(tearns) Eliot

(1888-1965): poeta americano que viveu em Londres, tornando-se cidadão britânico. Também crítico e dramaturgo. destacou-se com

14 Aliás, E.P. menciona que um certo Senhor, o lexicógrafo Basil Bunting, o qual constatou ser a poesia uma condensação, tão antiga quanto a língua alemã, onde o verbo “Dichter” significa condensar e corresponde aos substantivos “Dichtung” = poesia, e “Dichten”, poeta!

“The Wast Land” (“A Terra Devastada”), e “Murder in the Cathedral”. Prêmio Nobel (1948).

James Joyce (1882-1941). Romancista, contista e poeta irlandês. Considerado um dos maiores talentos do século XX. Mais lembrado por “Retrato do Artista Quando Jovem”, “Ulysses”, e “Finnegans Wake”. (William Butler) Yeats (1865-1939). Irlandês. Poeta e dramaturgo. Por alguns reconhecidos como um dos maiores poetas da última centúria. Prêmio Nobel (1923). William Carlos Williams (1883-1963). Americano de Nova Jersey. Médico e poeta. Era contra a rima convencional e o método. Tornou-se o mais imitado poeta dos EUA. Ernest (Miller) Hemingway (1899-1961). Americano. Romancista e contista. De “Por Quem os Sinos Dobram”, “Adeus às Ármas”, e “O Velho e o Mar” Prêmio Nobel (1954).

Tradicionalista renovador (“Make it New”, fazer novo, ou de novo), E.P. acreditava que a função da poesia era renovar constantemente a língua, e a linguagem como um todo.

Controverso, pois contra o verso (este, leia-se: com rédea e esporas), ele continua sendo um poeta muito citado, pouco lido, e ainda menos estudado.

Teria sido mais revolucionário, mais emblemático do que Stéphane Mallarmé (1842-1898), falecido 26 anos antes, aquele que Roland Barthes alcunhou “o Hamlet da escrita”¹⁵.

Ou do que o festejado James Joyce, autor de “Ulysses”, e do quase-ilegível “Finnegans Wake”¹⁶.

Para o aclamado poeta americano *e.e. cummings*, Pound “foi para a poesia deste século o que Einstein foi para a Física”. T.S. Eliot o considerava “il miglior fabbro” do século XX.

Hemingway assim se expressou: “um poeta deste século não ter sido influenciado por Ezra Pound, merece mais a nossa piedade do que a nossa repreensão”.

15 Recomendo conhecê-lo In “Mallarmé”. Tradução de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1975.

16 O primeiro foi traduzido no Brasil por Antônio Houiss (“Ulisses”. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966), e o segundo por Donald Schüler, em 5 volumes. Ateliê Editorial, São Paulo, 2002.

Nosso excelente poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna, contudo, discrepa, discordando de todos os nomes aqui mencionados. Numa análise epistemológica, nega, peremptóriamente ter sido Pound a maior revolução da poesia hodierna, ou o mais influente na poética americana (In "Que fazer de Ezra Pound". Imago Ed., R.J., 2003).

So what? E daí?

Seria Ezra Pound anjo ou demônio?

Leiam-no, e decidam!